

'Nem tinha vigia', diz pescador

Líder do grupo que ficou refém dos índios no Pará conta que clima era amistoso. Segundo ele, houve até troca de comida com caiapós

O aposentado Frederico Landi, o Tico Landi, de 69 anos, era o chefe dos dez pescadores de Avaré que ficaram reféns dos índios caiapós na Reserva Baú, no Sul do Pará, na semana passada. Mas ele não voltou para a cidade paulista após a libertação, na noite de sexta-feira. Landi foi para a casa de um sobrinho em Sinop, no Mato Grosso, para negociar com a Funai a devolução da tralha de pesca, que inclui barcos e motores de popa. Estava lá até ontem à noite. "Só levei susto no primeiro momento. Depois ficamos bem com os índios", diz.

JT - O senhor ainda está no Mato Grosso. Não está querendo voltar para casa?

Landi - Não é isso. Eu fiquei em Sinop para tentar recuperar nosso material que ficou com os índios. Além de coisas miúdas que pegaram, nós temos lá três

barcos tipo "voadeira" e três motores de popa, dois de 25 HP e um de 10, praticamente novos. Estava acertando a devolução com a Funai. Nosso caminhão foi tentar buscar, mas não consegui passar. Os fazendeiros, revoltados com a demarcação, derrubaram árvores para bloquear o caminho. Aquilo só com motosserra. Estou esperando o caminhão voltar para tocar para Avaré.

JT - Os dias com os caiapós deixam boas ou más lembranças?

Landi - Muita coisa para contar. Eu estaria mentindo se dissesse que fomos maltratados pelos caiapós. Eles nos pegaram para fazer pressão para o governo demarcar as terras que desejam.

JT - Ficou com raiva deles?

Landi - Não. Estão defendendo o que acham que é direito deles. A gente acabou se enturmado. Eles falam bem português, e a gente conversava. Mas, quando não interessava, falavam a língua deles. No fim, a gente acabou misturando comida.

JT - Como misturar comida?

Landi - Nosso acampamento tinha arroz, feijão, carne fresca nos freezers. Quando o estoque foi acabando, entramos na bata-doce e bananas dos índios. Meu filho gostou do peixe-assado que faziam e entrava na roda para comer com as mãos.

JT - Mas eles davam liberdade. Não escoltavam para ir ao banheiro, essas coisas?

Landi - Não. De noite, nem tinha vigia. Dormia todo mundo,

nós e os índios. Eles deviam ser uns trinta. Tinha desde índio velho até uns molecões taludos.

JT - Mas eles estavam pintados para a guerra.

Landi - É. Passaram carvão e suco de jenipapo no rosto para fazer aquela máscara negra e tinta de urucum no corpo. Estavam armados com espingardas e revólveres. A gente não tinha nem um canivete, estilingue. Nossas armas eram as facas, que eles tomaram. Nunca vi gostar tanto de faca. No fim, a gente não tinha faca nem para cortar uma cebola.

JT - Como pegaram vocês?

Landi - Saímos para pescar. Só ficou um no acampamento,

acho que o Wilmar, que é o cozinheiro. Os índios o pegaram. Depois, à medida que a gente ia chegando, eles iam nos pegando. Depois veio aquela indiada toda.

JT - E que peixe tão especial tem o Rio Curuá para vocês irem tão longe pescar?


Landi - Minha vida é pescar. Mesmo depois de tudo que aconteceu, se eu puder, volto mês que vem para pescar. O rio Curuá não é grande. Deve ter uns 150 metros de largura, mas tem muito pintado, cacharra e aquelas traíras pretas. Cada trairão que Deus me livre, de 10 ou 12 quilos.

José Maria dos Santos

O Liberal



NA PAZ: enturmados, reféns chegaram a bate-papo com caiapós

		INSTITUTO	
		SOCIAL DEMOCRISTÃO	
Fonte	JT		
Data	8/8/2000	Pg	174
Class.	Kaiapós/156		
		Documentação	